

Rivalidade cultivada, conflito e unidade social num bairro carioca¹

Wilma Marques Leitão

1. Conflito como unidade social

De tudo que vai dicto, se conclue: os antigos habitantes de Paquetá, apesar dos encantos de sua natureza “de suas praias de límpidas arcias prateadas à noite pela lua” e onde tudo convida à paz e tranqüilidade, também pagaram seu tributo à mania do tempo. Houve brigas por amor dos Santos. Quem não era S. Roquista, devia ser por força S. Bom Jesuista. Depois vieram as luctas políticas, e Paquetá contou em seu seio patriotas, corcundas, exaltados, moderados, federativos, luzias e saquaremas!

(Vicira Fazenda, 1927a: 404).

A ilha de Paquetá é conhecida pelo pitoresco da paisagem e idílicos passeios que proporciona. Ao investigador social, contudo, oferece como mimo antropológico o elemento estrutural básico da organização social que vincula moradores e veranistas numa relação de rivalidade expressa cotidianamente. Isto porque, no âmbito da antropologia local, isto é, a interpretação que o paquetaense faz do seu lugar, está a dicotomia tradicionalmente observada, que se expressa na dualidade Campo e Ponte. O

visitante de um dia, preocupado com as muitas voltas na ilha, sequer percebe o fenômeno, tão exíguo é o território – pouco mais de um quilômetro quadrado. Mas basta um pernoite e já se está diante da indubitável partição reconhecida em Paquetá. Há quem tente explicar o que ocorre, citando, por exemplo que é “como se fossem dois bairros dentro da ilha”. Esta idéia, no entanto, pode sugerir uma divisão estanque entre dois “setores”, quando, na realidade, o que fundamenta e organiza, em grande medida as relações sociais do lugar é mais que isto. A representação da ilha que tem toda e qualquer pessoa, que tenha um mínimo de vivência em Paquetá, configura-se em termos da oposição por contrariedade dos seus dois lados. “Nenhum paquetaense vê a ilha como um todo. É sempre em dois. A gente quando tá em Paquetá esquece o Rio. Só pensa em Campo e Ponte”.

No senso comum, como aliás geralmente acontece, essa dualidade encontra um elemento que marca fisicamente a separação. No caso de Paquetá, esse marco divisor é a Ladeira do Vicente. Mas, a referência física das ruas “naturaliza” apenas muito superficialmente a observação que se pode ter de uma tal oposição. Na realidade, a interpretação da relação dicotômica como se apresenta na ilha, não se prende apenas à ordem de explicação residencial, que tende a agrupar os moradores de cada uma de suas porções, norte e sul. Os incontestáveis parâmetros oferecidos unanimemente como indícios da classificação – “da Ladeira do Vicente pra cá é Ponte; e prá lá é Campo”, são, nesse sentido, insuficientes como modelo explicativo.

Ultrapassando, assim, as bases cartográficas, o pertencimento ao Campo ou à Ponte se dá no nível de envolvimento e compromisso com grupos de pessoas. E, neste caso, todo o conjunto de moradores de Paquetá se representa e é representado como pertencendo a cada uma das partes. E, em consequência disso, a cada acontecimento, as explicações vão dando conta dos envolvidos, que são interpretados dentro de uma localização precisa: foi “o pessoal da Ponte” ou é coisa do “o pessoal do Campo”.

A tensão de fazer parte de um grupo ou outro, não se restringe aos que nasceram em Paquetá, ou apenas aos que têm residência fixa na ilha. Ela envolve, da mesma indefectível maneira, os veranistas e os novos moradores que, partilhando do ambiente social vão tomando partido e se posicionando, de acordo com os relacionamentos com os grupos de amizade estabelecidos. Morar na Ponte pode ou não significar fazer parte do conjunto de pessoas identificadas como “da Ponte”, pois esse mesmo morador pode “andar com o pessoal do Campo” e ser identificado como

“do Campo”. Em muitos casos esses vínculos se consolidam através das instituições formalizadas: como os blocos carnavalescos, times de futebol e, mais recentemente, as galeras e “bondes”.

Muitas são as explicações locais que buscam nos aspectos históricos e geográficos os argumentos para justificar a formalização da dualidade, tais argumentos são, na realidade, recursos os quais se lançam mãos, na perspectiva de viabilizar a oposição sociológica e as tensões que dão forma, intrinsecamente, à organização social da ilha. Neste sentido, as associações dos grupos de famílias e indivíduos, no cultivo da rivalidade tradicional entre Campo e Ponte, consolidam-se mais em termos de constituição de redes de amizade que, apenas em alguns aspectos vinculam-se ao exato posicionamento geográfico.

Essa percepção não é, todavia, evidente, e surgiu durante a pesquisa de campo no momento em que me referindo a uma família que mora na Ponte, como Fulano é da Ponte, provocou enérgica reação de um morador do Campo, que me corrigiu, esclarecendo que, apesar de morarem na Ponte, “eles são do Campo. Se tiver que torcer, eles vão torcer pelo Campo, pelo Municipal, pelo Unidos de São Roque”. O mesmo aconteceu quando me encontrava junto a jovens que discorriam sobre a época de apogeu das “galeras” funk, por volta do final dos anos noventa. Mesmo sem se darem conta do que estava sendo explicitado, ratificaram essa perspectiva, na medida em que, em suas narrativas, confirmavam que, na oposição entre Praça do Campo e Galera da Ponte: “Tem muito menino que mora na Ponte que era da Praça do Campo, que andava com os caras do Campo”.

Tal antagonismo, bastante freqüente nos estudos antropológicos, surge de forma natural na Ilha de Paquetá, dando forma e conteúdo às relações sociais ali elaboradas. E o conhecimento que proponho sobre esse grupo social, somente avança se tomamos esse aspecto da rivalidade entre Campo e Ponte como um modo exemplar de se perceber a unidade sociológica da ilha, em seus termos de associação por contrariedade. Compreendendo os elementos usados para classificar as partes da Ilha como componentes de uma unidade, aprofundamos a análise da ordem social do lugar. E aproximamo-nos, mais facilmente, das formas de comportamento e de relacionamentos entre os grupos de famílias de cada uma das duas partes.

A teoria sociológica em vários momentos dá os aportes que sustentam essa perspectiva, ou seja, na dimensão em que possibilita entender a virtualidade positiva do conflito. Inicialmente, como argumenta Radcliffe-

Brown (1978), a compreensão do antagonismo não se apresenta a partir dos elementos tomados em si, mas, da composição de um sistema social, de uma estrutura social baseada na relação de oposição desses elementos. Vistos dessa maneira, Campo e Ponte ao contrário de estarem separados, encontram-se diretamente vinculados, através, exatamente, da relação de oposição.

Numa apropriação exagerada do texto de Radcliffe-Brown onde, descrevendo o método comparativo em antropologia como forma de procurar aspectos sociais similares nas diferentes sociedades, se refere às organizações totêmicas, tomo aqui algumas contribuições pertinentes à interpretação paquetaense. A partir dos estudos dos sistemas duais, ele esclarece que a expressão da oposição entre metades, na realidade, é uma aplicação particular de associação por contrariedade, e o que é denominado “oposição”, de fato, separa ao mesmo tempo que une.

Um outro costume significativo em que se expressa a relação de oposição entre duas metades é aquele pelo qual, em algumas tribos da Austrália e algumas da América do Norte, as metades provêm os “times” de jogos como o futebol. Jogos competitivos fornecem uma ocasião social em que duas pessoas ou dois grupos de pessoas são oponentes. Dois grupos persistentes numa relação social podem ser mantidos numa relação em que são regularmente oponentes. Um exemplo é dado pelas duas universidades de Oxford e Cambridge (Radcliffe-Brown, 1978: 52).

Os embates no futebol em Paquetá envolviam preferencial, senão quase exclusivamente, essas duas partes. E cada um dos times organizava-se diante, então, da certeza da existência do outro, “do outro lado”. A previsibilidade dos enfrentamentos regulares entre os dois tornando-se, assim, exatamente, o argumento no qual a relação por oposição se baseia. Essa oposição, porém, não necessariamente toma forma através de uma hostilidade generalizada, mas, na maioria das vezes, é praticada somente como atitude convencional, que se expressa de algum modo, nos momentos cerimoniais, ou seja, situações sociais especiais em que se vêem juntas as partes opostas.

Ora, em Paquetá, os principais momentos de enfrentamento entre as duas partes eram os jogos de futebol realizados entre o Municipal Futebol

Clube, como o time do Campo, e o Barreirinha Futebol e Regatas, como o time da Ponte. Ou ainda, nos períodos de Carnaval, quando a disputa se dava entre a agremiação do Campo, o Bloco Carnavalesco Unidos de São Roque, e a da Ponte, o Bloco Recreativo Silêncio do Amor. Em tais ocasiões, os torcedores de cada um dos lados acirravam os ânimos, até chegarem ao extremo de pancadarias generalizadas. Como desdobramentos dessa hostilidade, muitas brigas eram organizadas entre turmas de adolescentes de cada uma das partes, nas ruas e nas escolas. “A gente marcava para brigar depois da aula, na Moreninha, que era campo neutro” (nascido, 47 anos).

O conflito torna-se, assim, o contrário da evitação, pois sua realidade social se dá no enfrentamento. Apenas supostamente se crê estar diante de uma separação, longe disso, o confronto permite fazer parte, alimentando o cotidiano da ilha. Seja através das simples conversas e argumentações sobre as características respectivas de cada um dos lados, seja através do envolvimento direto com os blocos carnavalescos, times de futebol ou, mais modernamente, com as galeras. Todas essas instituições são, então, sociologicamente produtivas, pois cada uma das partes encontra sua posição no contexto social da ilha. Sendo que, cada uma a seu turno, tornam-se oponentes constantes umas das outras.

Na perspectiva de interpretação da rivalidade Campo e Ponte como unidade, considerando-se o conflito não como oposição, mas como vínculo social, o ordenamento teórico de Simmel dá forma ao que aqui se expõe, permitindo avançar no entendimento da associação entre as duas partes. Os mecanismos elaborados pelos habitantes de Paquetá, em termos das disputas entre seus dois lados, revelam as estratégias sociológicas de suas interações sociais, seus valores e interesses comuns, deixando visível a comunidade, no seu sentido epistemológico mais clássico, de representar aquilo que temos em comum – *Gemein* – inclusive nossos conflitos. “Dentre esses elementos comuns existem dois que são fundamentais de um antagonismo particularmente forte: a existência de qualidades comuns e o pertencimento a um único contexto social” (Simmel, 1998: 57).²

Essa perspectiva de que o conflito é a forma por excelência que torna possível a existência social de cada um dos lados da ilha, fica particularmente clara quando, por exemplo, um senhor justificava o desaparecimento dos blocos e das exposições tradicionais do Carnaval em Paquetá. “Um parou de sair. O outro ainda saiu uns dois anos, mas não tem graça. Tem que sair os dois” (nascido, 65 anos).

2. Rivalidade e construção social de distância

Se indagados sobre a razão de tal rivalidade, os paquetaenses respondem que sempre foi assim: “A ilha já era dividida, não havia muita comunicação, era pouca convivência entre as pessoas. Quem era do Campo ficava no Campo, quem era da Ponte ficava na Ponte”.

Para atestar tal separação fui, durante a pesquisa, apresentada a um quadro, retratando uma pontícula de madeira que supostamente unia as duas partes da ilha. Impossível contestar a simpática senhora que se orgulhava de possuir a prova fiel de uma cena cuja veracidade somente seria possível em tempos geológicos. Esta imagem de duas ilhas unidas onde hoje está a Ladeira do Vicente, no entanto, encontra ampla aceitação e é objeto de constantes debates que apresentam as mais convincentes explicações para o fenômeno.

O contexto histórico no qual se deu a colonização de Paquetá é, igualmente tomada em todos os argumentos explicativos para a constituição da rivalidade entre Campo e Ponte. A entrada de Paquetá nos compêndios se deu justamente no momento em que uma linha arbitrária separou a ilha em duas sesmarias; cada uma delas destinadas a diferentes sesmeiros que, por sua vez eram vinculados a distintas Freguesias. Na maioria das vezes os discursos já estão prontos para explicar a origem da rivalidade e discorrem sobre as querelas que sobrevieram, entre os vigários de Magé e de São Gonçalo. Como a única representação religiosa em Paquetá era a Capela de São Roque, localizada na Fazenda de mesmo nome, no Campo, todos os moradores recebiam ali seus sacramentos, subordinados, contudo à paróquia de Magé. Ciumento, o vigário de São Gonçalo descjava seus próprios fiéis e incitou a criação da Igreja Matriz de Bom Jesus do Monte, na Ponte. A impossibilidade de associação entre as duas partes já era, então, tão fortemente observada que se tornou matéria para o fiel narrador da cidade do Rio de Janeiro, Vieira Fazenda. Descreve o autor que enquanto os moradores da parte sul da ilha levavam a cabo sua jurisdição junto à Paróquia de São Gonçalo:

Por sua vez os habitantes do norte da ilha de Paquetá quiseram ficasse toda a ilha sujeita de novo à freguesia de Magé, conservando o antigo status quo, isto é, que São Roque continuasse a ter sacrário, pia batismal e capellão

curado! Por ali se deixa ver a desordem, ciúmes e intrigas que separavam então os insulanos no norte dos do sul de Paquetá (Vieira Fazenda, 1927 a.: 403).

A presença da Igreja como justificativa para as distensões recorrentes na ilha, contudo, não se encontra apenas no passado. O atual padre de Paquetá é acusado de preterir os fiéis do Campo, na medida em que impõe todo tipo de dificuldades para a oficialização dos sacramentos na Capela de São Roque. Esta atitude provoca visível insatisfação e constrangimento para os residentes dessa parte da ilha que têm que se contentar com apenas uma missa dominical, sendo que os fiéis mais assíduos devem se deslocar para a Igreja Matriz, na Ponte. Mesmo nas ocasiões em que se pretende alguma missa especial, são necessárias minuciosas argumentações junto ao padre para que tal serviço seja realizado na Capela de São Roque. Recentemente, com grande surpresa, fui procurada em casa por uma tia de minha mãe, nascida na ilha há oitenta e tantos anos. Sem entender tão respeitosa visita, fui logo inteirada do assunto, pois ela viera pedir que eu fosse intervir junto ao pároco, no sentido de que ele accitasse rezar a missa de Sétimo Dia de seu irmão, “aqui em São Roque”. Sendo toda a família residente do Campo há séculos, era esse o desejo de todos e que, no entanto, encontrava a resistência do padre. Minha participação foi acionada porque, alguns meses antes, em comemoração dos oitenta anos da minha mãe, eu o havia “convencido” de realizar a missa no Campo, mediante muita argumentação, além do pagamento da charrete para seu deslocamento!

A indignação dos fiéis do Campo à preterição do padre foi registrada em outro momento, quando durante uma missa, ele argumentou não entender porque o povo de Paquetá comemorava São Roque, se a Igreja Matriz era a do Senhor Bom Jesus do Monte, e logo a festa deveria ser realizada na Ponte. Nas conversas após a missa, os campistas reagiram, mais que ofendidos ou desprezados, num tom quase ufanista e realimentando a disputa dos ânimos concorrentes, retrucando com nítida vaidade que: “Antigamente tinham as duas festas, só que eles não continuaram e aqui nós continuamos”.

Não há dúvidas que desde que os paquetaenses se organizaram enquanto tais, foi com base numa relação de oposição entre os dois lados da ilha. As rusgas religiosas, as exibições carnavalescas, os jogos de futebol e

os confrontos entre as galeras, conferem ao conjunto de moradores alguns instrumentais para que viabilizem a contrariedade que subjaz seu entendimento da própria ilha. “É muita rivalidade, o que um puder prejudicar o outro, prejudica”.

No plano socioeconômico, cada uma das partes desfrutou de importância em diferentes momentos da história da ilha. No começo eram caieiras por toda parte e, na porção norte de Paquetá, ademais, a Fazenda São Roque. Aliás, devem-se aos campos cultivados desta Fazenda, a denominação originária de Campo, embora hoje em dia muitas pessoas atribuam a designação ao campo de futebol do Municipal Futebol Clube.

Já no século dezenove, a parte denominada Ponte apresentava uma vocação mais “urbana”, concentrando o comércio e serviços; enquanto no Campo subsistiam as caieiras e pequenas plantações. No entanto, por causa das caieiras e da produção agrícola da fazenda São Roque “todo o movimento da Ilha era aqui no Campo”. Muitas embarcações atracavam nas praias do Catimbau e do Buraco, transportando carvão, lenha, cal e outras mercadorias tanto de Paquetá para a Corte, como para Magé, Suruí e demais portos do fundo da baía e vice-versa. Esse comércio rústico movimentava os vários armazéns localizados no Campo onde, aliás, residiam os proprietários das lojas e das embarcações. Este lado da ilha mantinha sua importância, também, devido à Capela e ao poço de São Roque, que, aparentemente abastecia toda a população da Ilha: “Todo mundo vinha pegar água aqui”

Passada sua vocação rural, e com o fim das caieiras e das plantações, o Campo tornou-se quase exclusivamente residencial. Hoje em dia os únicos estabelecimentos comerciais existentes são uma Padaria e um pequeno mercado. “Só depois que fizeram o cais, a ponte, é que passou a ter mais movimento lá”.

Durante o século XVIII, a parte sul da ilha sofreu sucessivas transações de compra e venda como bem descreve Eduardo Marques Peixoto (1908) em artigo publicado na revista *Renascença*. Os anos que se sucederam, foram conferindo àquela parte um ar mais citadino. Local de desembarque das lanchas, a Ponte, tornou-se uma espécie de centro da Ilha, onde residiam os profissionais liberais como médicos, juizes, comerciantes, enfim, “gente com mais dinheiro”. “Os lá de baixo não casavam com o pessoal do Campo porque eram tudo comerciantes estabelecidos, diretor da Central do Brasil. Aqui no Campo era tudo pobre, só o irmão do Manduca, é que tinha uma situaçãozinha” (nascido, 68 anos).

Na Ponte estavam localizadas as poucas indústrias que existiram em Paquetá, como o estaleiro e a fábrica de tecidos, localizados na Praia da Guarda. Lá havia, ainda, muitas chácaras e residências imponentes e comércio variado – açougues, sapataria “até com vitrine”, cinemas. Ainda hoje a Ponte concentra os estabelecimentos comerciais de Paquetá, principalmente, por força do Decreto N.322, de 03/03/1976, que restringe a atividade a apenas algumas ruas da ilha.

Aos que pretendem interpretar as relações sociais somente em termos de cordialidade e harmonia causa espanto que tamanha oposição encontre lugar no quilômetro quadrado que constitui o território da ilha. A surpresa cresce quando se considera a antiguidade de grande parte das famílias residentes, com o conseqüente conhecimento de longa data. Na maioria das vezes em que se faz necessária a mobilização dos moradores da ilha, representados assim como um bairro, e quando a interlocução é mediada por pessoas “de fora”, esse aspecto de rivalidade não é levado em consideração, muito ao contrário, prega-se “a união de todos” e o término das rixas. Mas para os moradores antigos trata-se de uma quase impossibilidade, uma vez que a distância entre esses grupos consegue configurar-se na construção social de distância, sendo uma frase recorrente, quando se declina um endereço qualquer: “É muito longe”!!

Por mais que se encontrem nos extremos opostos, as distâncias percorridas nunca podem ultrapassar os mil metros. Mas em termos paquetaenses essas distâncias são quase intransponíveis. E, mais ainda, muitas vezes inviabilizam os relacionamentos. Sob esse argumento, uma senhora paquetaense, legítima do Campo, comentou comigo que não costuma encontrar muito com uma parte da família de sua nora, que mora na Ponte: “É gente muito boa, mas a gente quase não se dá, eles moram tão longe”.

A construção social do espaço, que designam as categorias de longe e perto, encontra-se nos termos locais de dicotomização do lugar. Costuma-se dizer que o Campo é longe, enquanto outros entendem que a Ponte que é. O tamanho da ilha, por si só, não inviabiliza o contato, tampouco dificulta a freqüentação a cada um dos lados; poucos minutos a pé e, menos ainda de bicicleta, estamos nos extremos de Paquetá. A distância que conta, portanto, é a distância entre grupos de pessoas na estrutura social da ilha e a forma como é praticada. Este aspecto é discutido numa das obras clássicas da antropologia, *Os Nuer*. Analisando as relações da tribo africana com seu território, Evans-Pritchard demonstra como, indepen-

dentemente da distância física entre duas aldeias, o elemento considerado como medida para sua vinculação ou separação é de outra ordem, ou seja, a distância estrutural: “Por distância estrutural queremos dizer, a distância entre grupos de pessoas dentro de um sistema social” (Evans-Pritchard, 1978: 123). Assim, *mutatis mutandis*, o que se verifica em Paquetá, levando-se em conta a rivalidade entre as duas partes da ilha, mais que a distância espacial, as relações cotidianas constroem os termos sociais da distância.

Nos termos estritos de uso residencial, em Paquetá, há uma tendência de alta para os valores de imóveis localizados na Ponte, pois estão mais próximos da estação da barca e do comércio em geral. Contudo, segundo o agente imobiliário local, há quem prefira o Campo, pois é ainda mais tranqüilo. “O pessoal reclama que o Campo é longe, mas quem vai pra lá não quer mais sair de lá”.

Ilá, por outro lado, muitas pessoas, na faixa de setenta anos ou menos, que sempre moraram na Ponte, e que até hoje não conhecem o Campo: “Eu me perco naquelas ruas, não conheço nenhuma”.

É verdade que uma tal noção de distância se concretiza, em grande medida, porque os moradores antigos de Paquetá raramente percorrem a ilha. Ao contrário dos visitantes para quem a volta na ilha é passeio obrigatório, os deslocamentos dos moradores são minimizados: compras, pegar a barca, algum compromisso social como missa, ir ao hospital, ao banco, almoçar fora. As visitas em casas também são raras, os encontros se dão principalmente quando se encontra alguém na rua no mercado, na missa.

Antigamente a gente não saía de casa, a gente não conhecia muita gente. Quem era lá da Ponte ficava na Ponte; quem era do Campo ficava aqui no Campo. Eu lembro delas porque andaram na escola com minha filha (nascida, 80 anos, justificando porque não conhecia determinada família).

Mas a pouca movimentação não é exclusividade dos antigos. Muito jovem assume a distância que impera em Paquetá como argumento para definir suas atividades. Para os que moram na Ponte, então, somente se justifica o deslocamento até o Campo por ocasião das festas religiosas, principalmente a de São Roque! “Quando eu fui morar na Ponte fiquei uns dois anos sem vir no Campo” (moradora, 25 anos, há 12 em Paquetá).

“Eu fui criado ali na Príncipe Regente. Quase não saía daquele mundo. Ia na Praia da Guarda, no máximo. Só vinha aqui no Campo pegar doce” (nascido, 45 anos).

A introdução, há alguns anos, da prática de caminhada transformou um pouco essa “distância”, na medida em que o “circuito” usado para cronometrar a atividade em torno de uma hora, geralmente, é uma “volta na ilha”. Praticada inicialmente só pelos “de fora”, atualmente alguns moradores já incorporaram a modalidade de exercício, o que em certo sentido tem justificado se percorrer a ilha como um todo.

Absolutamente imperceptível para os que não são habituais na ilha, as distâncias mencionadas são, muitas vezes de difícil compreensão. Trata-se de duzentos, trezentos metros? Porque no Rio conseguimos andar durante horas, vencendo aqueles infundáveis quarteirões e aqui na ilha as visitas são canceladas ou as visões de mundo vão se dar de maneira tão diferenciada? “Paquetá mudou muito. Lá no Campo vocês não percebem porque vocês são todos parentes, continua todo mundo lá, mas aqui na Ponte mudou muito” (nascida, 67 anos).

3. Rivalidade cultivada

A associação entre grupos de pessoas em cada um dos lados da ilha é tão reconhecida que, em diversas ocasiões em que mostrava uma fotografia do time de futebol do Municipal causava estranheza a presença de um determinado jogador, provocando freqüentemente o mesmo comentário: “Mas ele jogava no Campo? Ele era da Ponte !!”

Os principais argumentos resgatados pela população de Paquetá para esclarecer as situações de rivalidade enfrentadas estão dispostos, sobretudo, nos termos das instituições conhecidas atualmente por todos os moradores. Mesmo que em grande parte esvaecidas as profundas rixas do passado, os dois clubes ainda encarnam a exata dimensão do conflito em Paquetá. “Se eu fui cem vezes no Municipal foi muito. No Barreirinha? Mais de mil! É como se fosse tribo, sabe? A gente não ia não, a não ser que um adulto levasse” (nascido, 45 anos).

Na maior parte das vezes, na verdade, os termos da rivalidade mais mencionados são os que contrapõem as formas institucionalizadas Municipal e Barreirinha, nas disputas de futebol e de carnaval. Durante toda a pesquisa, porém, a contenda entre Campo e Ponte foi apresen-

tada como uma questão do passado, coisa dos moradores “antigos”. O motivo recorrentemente resgatado para explicar a tranqüilidade atual dos ânimos em Paquetá é porque “Não têm mais os maiorais”. Decerto que são descritos momentos de intensa rivalidade, com intenção da briga. Há mesmo quem diga que:

As alegorias já eram feitas de ripa para brigar; chegava na hora as mulheres e crianças saíam porque o pau comia. Às vezes a Polícia não deixava os blocos saírem porque saía briga. Mas acaba sempre saindo, e sempre saindo briga. O da Ponte não vinha no Campo, mas o do Campo ia pra Ponte (moradora, há 47 anos).

Os enfrentamentos, que muitas vezes são explicados através das famosas brigas e pancadarias, não se reduziam, contudo, a essa forma de expressão. É certo que “Antigamente não se dava, mas hoje o povo está mais civilizado, não briga mais”. E é certo também que, embora muito frequentes, as brigas eram apenas um dos momentos dos encontros entre Campo e Ponte. Neste sentido, são designados por maiorais, tanto os de espírito briguento, quanto os que se encarregavam simplesmente de organizar o futebol, e, sobretudo o carnaval, com seus idealizadores, compositores e articuladores, em geral. Maiorais eram, então, aquelas pessoas com ampla capacidade de mobilização, no sentido de obter os objetivos do grupo. Através de familiares e conhecidos, conseguiam dispor de trabalho, recursos materiais e humanos, geralmente contando com certas pessoas influentes, e o apoio de todos. “Aqui era Campo Grande, assim como lá no Campo era o Seu Corino”.

O pertencimento a cada uma das instituições não deixava dúvidas sobre as posições dessas pessoas, principalmente, como já foi destacado, por ocasião das disputas e campeonatos. Assim, por ocasião de uma entrevista, registrei uma declaração sobre como, a partir do casamento de uma moça da Ponte com um rapaz do Campo, esta passou a sair como porta-bandeira do Unidos de São Roque, sendo, quando solteira, a mesma protagonista do bloco rival. Pronunciada com nítido “ciúme”, a narrativa revelava o fato num tom entre impossibilidade, desconfiança e um quase descrédito na fidelidade às categorias instituídas. As mesmas tensões acompanhavam alguns dos entusiastas do carnaval da Ponte, os compositores Bené (João Venuto) e Augusto Alexandre, ambos casados com moças do Campo. Con-

tam-se as histórias de como eles tinham que contornar as rivalidades entre os amigos e os parentes de aliança, acirradas em tempos de Momo. De acordo com a simpática irmã do primeiro: “Ele era da Ponte. Fazia as músicas pro bloco aqui de baixo e não queria que Antonieta (a esposa) soubesse. Ele ficava dividido” (nascida, 86 anos).

No futebol o panorama era semelhante. Os times de cada um dos clubes sempre se enfrentavam em partidas num e noutro campo, com o acompanhamento atento de toda a ilha. Nesses dias a ilha ficava com suas ruas desertas. Todos iam assistir ao jogo, e quem não ia, “ficava em casa, rezando para o seu time ganhar”. Independentemente do escore, o jogo em si já era motivo para as brigas, já que se encontravam, na mesma hora e local, as partes rivais. “Quando eu ia assistir o jogo no Municipal, minha avó ficava falando pra tomar cuidado, que eles iam dar na gente lá” (nascido, 65 anos).

Para muitos paquetaenses, contudo, a tensão proveniente do conflito entre Campo e Ponte se encontra, muitas vezes, no seio da própria família, desenvolvendo rugas ocasionais, ou perenes. Há, na ilha casos de primos e até irmãos que não se falavam. Além, principalmente, do clássico antagonismo entre cunhados. Desta forma, a rivalidade entre os times e os blocos migrava das ruas para os lares onde, por acaso, o casal estivesse previamente relacionado a cada uma das partes. Nos momentos de torcida e, pior ainda, de definição do engajamento, eram registrados acirrados conflitos conjugais, verdadeiras brigas, envolvendo a decisão sobre em qual dos blocos deveriam acompanhar ou onde as crianças deveriam sair. “Em época de carnaval minha casa era um inferno. Meu pai era Silêncio doente queria que minha irmã saísse lá, mas eu e minha mãe éramos Unidos de São Roque e ela queria sair aqui” (nascido, 43 anos).

Assim, muitas famílias registram mal-entendidos e interrupções nas relações por causa das preferências por uma ou outra agremiação. Esses constrangimentos podiam ser registrados em qualquer época e representavam, muitas vezes, o rompimento das relações cordiais entre pessoas da família. Contudo, geralmente, eram acirrados durante o período de Momo, como fica claro com as declarações desse jovem paquetaense. “Minha mãe ficou um bom tempo sem falar com a sogra do meu tio porque ela era São Roque. Na época do Carnaval minhas primas eram proibidas de irem lá em casa, porque minha mãe fazia as fantasias do Silêncio e elas eram São Roque” (nascido, 30 anos).

A institucionalização do conflito, em termos de enfrentamento das agremiações, é apenas um artifício para justificar o princípio social que

organiza a vida de todos os utentes de Paquetá. Através das mais diversas formas, vão sendo acionados os mecanismos criados que permitem, em certa medida, definir os termos nos quais vai se dar interação entre todo o grupo, no mesmo pequeno espaço estreitamente partilhado. Campo e Ponte são as categorias de pensamento que mais exprimem o viver em Paquetá, informando continuamente o “tom” das relações sociais, que são praticadas e reconhecidas através de sua característica de oposição por contrariedade, a despeito dos insistentes depoimentos que afirmam seu desaparecimento.

Decerto que, há muito tempo, não se enfrentam os blocos carnavalescos e times rivais. Todavia, a oposição Campo e Ponte é ainda bastante cultivada, por exemplo, na linguagem local. Impossível falar de Paquetá sem mencionar estes termos. E não apenas quando tomados na forma simplificada de designar endereçamentos, mas em sua acepção tradicional que marca o estabelecimento dos laços sociais, através da organização clássica de Paquetá. As pessoas ainda se importam em perguntar e assinalar de onde são, neste caso, referindo-se a elas mesmas e às outras.

O fato de não ocorrerem com a freqüência e intensidade de engajamento, os enfrentamentos diretos, como são registrados através da história de conflito entre os times e os blocos, a rivalidade Campo e Ponte permanece. Tais referências são acionadas ainda hoje, com incontáveis exemplos que se vêem e se ouvem todos os dias nas ruas e conversas de Paquetá. Nem só de socos e pontapés vive a rivalidade e, neste aspecto, a antropologia é pródiga na interpretação desse “fenômeno social absolutamente humano”, como se refere Marcel Mauss (1981) no artigo especificamente dedicado ao assunto: “Parentesco de Gracejos”³. Da mesma forma, entre tantos exemplos relatados por pesquisadores voltados à compreensão de povos do mundo inteiro, Radcliffe-Brown confirmou a recorrência desse tipo de relacionamento que se estabelece entre as pessoas, vinculando-as através do que elas têm de contrário.

Esta instituição, para a qual se espera que alguém encontre um nome melhor do que “relações jocosas”, é encontrada numa certa variedade de formas num determinado número de sociedades diferentes e clama por um estudo comparativo. Tem por função manter uma relação contínua entre duas pessoas, ou dois grupos, de hostilidade ou antagonismo aparente, mas superficial (Radcliffe-Brown, 1978: 52).

Qualquer um, com o mínimo de interação social em Paquetá é capaz de reconhecer as zoações, para alguns chacotas ou encarnações, expressando comentários e esclarecimentos que têm por objetivo puro e simples situar as pessoas em seus respectivos lugares dentro da ilha. Ainda há dois meses, um jovem nascido na ilha, depois de ter perdido a avó com quem morava e, por incompatibilidade com os tios, mudou-se da casa onde sempre residiu e foi morar na Ponte. Segundo ele: “A gente sempre ouve uma piadinha, numa roda de cerveja: ‘Tá morando aqui agora’? Porque eu fui criado lá no Campo!” (morador, 29 anos).

Mesmo quando não se fala sobre o assunto, se diz algo sobre ele. Logo no início da pesquisa entrevistei um jovem morador (estudante, 17 anos) porque queria saber se as rixas continuavam entre as novas gerações. Ele me respondeu enfaticamente que não, como sempre, também para uma quase criança, tratava-se de coisa do passado. Realmente: “Hoje não tem mais nada, não. Só quando a gente vê alguém e pensa: o que esse cara da Ponte tá fazendo aqui?” (morador, 17 anos).

Os antigos, então, são os que mais falam que não existem mais os conflitos. E com que saudade falam disso! Como se a ordem instaurada na contrariedade lhes fosse muito mais saudável que a relativamente confusa dos dias de hoje. Alguns revivem as práticas de identificação do seu oposto, seja num comentário absolutamente desconectado – que, por exemplo, um ouvinte desatento poderia pensar se tratar de caduquice. Assim, num dia em que me encontrava entretida num bate-papo à toa, com uma senhora, nascida e criada em Paquetá, nós duas sentadinhas num banco à beira do cais, na Praia Grossa, ela comentou, do nada, “Esse rapaz é lá do Campo” e foi só quando me dei conta que na rua passava o tal rapaz. Num outro momento, circulando com meu tio pela ilha, lá na praia da Guarda paramos para falar com uma senhora que o reconhecendo, desencadeou uma reação emocionante, cumprimentando-nos efusivamente, abraçando e repetindo: “olha o pessoal do Campo!”. De tão entusiasmada, chamou uma sua amiga para testemunhar o encontro: “olha aqui, olha aqui o pessoal do Campo!”. E se virando para mim, sentenciou: “Eu sou do Campo! Queria morar no Campo! Depois que casei é que vim pra cá”.

4. Considerações finais

Esses exemplos, por si só, revogam grande parte das narrativas que afirmam o fim das hostilidades tradicionais. Estas, não obstante, continuam se atualizando em seus termos mais recentes, como a organização por oposição registrada na formação das galeras de funk: Praça do Campo e Praça da Ponte. Dessa vez, muito mais que das outras, a própria denominação dos grupos já indica a referência a cada uma das duas partes. Em verdade, como não podia deixar de ser, a realidade social se impõe sobre os modelos, imprimindo as alterações ocorridas no conjunto das relações, até então conhecidas. As Galeras se organizaram, e mantiveram-se durante um determinado período, em três grupos, num formato que incluía o novo segmento que atualmente é importante na ilha: a Galera do Morrão. Para falar a verdade, esta junto com a Praça do Campo acabaram prevalecendo no cenário dos grupos organizados da ilha. Em vários momentos eles se enfrentaram, com brigas constantes e, muitas vezes, regular e previamente organizadas, principalmente nas discotecas realizadas nos clubes, que continuaram sendo os antigos conhecidos de outros carnavais, Municipal e Barreirinha.

Das galeras, então, a Praça do Campo e Galera do Morrão eram as mais consolidadas e as que duraram mais tempo reunindo em torno de si membros mais imediatamente organizados, mas também simpatizantes que participavam nas festas dançando junto. Os integrantes das galeras se reuniam principalmente nos dias de bailes funk, numa espécie de “concentração”: “Tinha o grito da galera, ficavam lá demarcando território, agitando”, até saírem todos juntos para o clube. Uma vez nos salões, desenvolviam coreografias próprias, desfilavam com balões com as cores das galeras: Praça do Campo com balões vermelho e branco (as cores do Municipal Futebol Clube) e Morrão, com balões preto e branco.

A reordenação dos espaços da ilha, com a crescente chegada de moradores que não fazem parte do universo tradicional paquetaense, junto com o desaparecimento dos confrontos na forma como costumavam ocorrer, contribuem para apoiar o discurso local sobre o fim da rivalidade entre as duas partes. Mas, em Paquetá não há neutralidade e isto pode ser visto através dos lamentos sobre as atuais contingências, imperativas quando se trata de resolver a questão de moradia. Este fato fez com que algumas pessoas fossem morar no lado oposto ao que

realmente desejavam. E o oposto igualmente percebido, quando nos chegamos relatos de pessoas que alegam, mesmo em dificuldades, que não morariam do outro lado “de jeito nenhum”.

Essa questão da moradia, em tempos bem recentes, colocou como vizinhos antigos paquetaenses, um da Ponte e o outro, antigo morador do Campo. Este estava deslocado de seu ambiente, uma vez que sem ter como pagar aluguel foi viver com a família numa casa funcional. A antiguidade na ilha, contudo, uniu os dois senhores que se entretinham em longas conversas no banquinho defronte a casa do primeiro. Falavam de tudo um pouco: de Paquetá de ontem e de hoje, de pescarias, de futebol, dos outros e falavam muito de carnaval, pois ambos participavam na organização dos blocos, cada um do seu lado. Num desses dias, em que eu também estava lá, o senhor da Ponte, num tom de brincadeira argumentou: “Ele sempre foi adverso a mim. Ele era do São Roque e eu era aqui de baixo”.

Muitas pessoas argumentam que o fato de um grupo grande de famílias nordestinas terem passado a viver em Paquetá ao longo dos últimos anos na ilha, alterou esse princípio de organização reconhecido tradicionalmente pelos paquetaenses. Mas ainda não foram suficientes para instaurar uma nova ordem social. A dicotomia que vinculava facilmente a Paquetá, tanto o pessoal do Campo, quanto o pessoal da Ponte, ganhou um novo elemento com o assentamento intensificado dessas famílias que não são identificadas com nenhum dos “lados” e, mais ainda, em seu relativo isolamento social, prescindem do reconhecimento das “normas” locais e acabam por ultrapassá-las.

Há alguns motivos mais pueris, mas talvez não menos importantes, apontados como razão para arrefecer a rivalidade entre Campo e Ponte, como a construção da praia da Moreninha⁴. “Agora com a Moreninha vai todo o mundo prá lá acabou esse negócio de Campo e Ponte” (nascida, 27 anos).

Antigamente, a população da ilha se divertia nas praias correspondentes às suas aproximações sociais, freqüentando cada pequeno trecho de beira-mar com os amigos e parentes. As novas instalações da praia da Moreninha, entretanto, com amplo espaço, barracas com venda de comidas e bebidas, atividades lúdicas para crianças e adolescentes oferecem maiores oportunidades de lazer para todos, indistintamente.

Outro argumento, também mencionada como facilitador de uma pretensa unificação dos moradores de Paquetá, é o fato que, justamente o

desaparecimento das agremiações carnavalescas promoveu um vácuo na vida daqueles que adoram Carnaval. Obviamente que o fim dos dois blocos não significou o fim da festa em Paquetá. Muito pelo contrário, o espaço deixado vazio tem sido a cada ano preenchido por inúmeros pequenos blocos de sujo. Nessa empreitada, muitas vezes, rivais de outrora, juntam seu entusiasmo e sua expertise, na tentativa de concretizar o objetivo maior de “sair no Carnaval”. Essa estratégia, porém, não passa despercebida: “Agora eles estão tudo unidos”.

A interpretação em termos de Campo e Ponte, apresenta-se ainda como o principal modelo reconhecido e consciente de mecanismo constitutivo da unidade social da ilha de Paquetá, dentro das suas posições antagônicas de complementaridade. Esta perspectiva, todavia, embora tradicional para o entendimento do universo sociológico do microcosmo paquetaense na medida em que se apresenta como importante princípio organizativo, tem sido constantemente questionada pelos moradores que se encontram, atualmente, diante de uma nova lógica social da ilha.

Com a morte dos antigos e a chegada de novos moradores há uma tendência à diluir-se a linha de clivagem em torno da qual estavam distribuídos os habitantes do lugar. Com o fenômeno de chegada de gente nova, que não é recente, mas sem dúvida, está intensificado, seja, pela maior facilidade de acesso, ou ainda pela segurança e tranquilidade da ilha e a concomitante complicação da vida na cidade, Paquetá foi se tornando, por todas essas razões, um lugar mais cobiçado ainda como área de moradia, ou seja, como bairro residencial. Gradativamente, foi assim surgindo, no interior do conjunto de relações existentes na ilha, uma nova e recente categoria de morador constituída, nos termos locais, por “essa gente que ninguém conhece”.

Diante desse fenômeno de mobilidade residencial observa-se a alteração dos parâmetros até então empregados como elementos de distinção daqueles que freqüentavam e freqüentam a ilha. Campo e Ponte tornaram-se categorias praticamente insuficientes na auto-representação dos paquetaenses e acabaram por dar lugar à outra, ou seja, a de antiguidade na ilha. E isso mesmo entre os moradores da faixa de vinte, vinte e cinco anos, onde são constantes os comentários sobre como mudaram as relações sociais na ilha: “Paquetá mudou muito” ou “Hoje não se conhece mais ninguém”.

Essas idealizações do passado têm o condão de nos oferecer mais do que uma tópica da nostalgia. As recorrentes referências revelam a inquietação dos mais antigos diante de alterações significativas por eles verificadas no lugar e a preocupação com o destino de um conjunto de valores que estavam diuturnamente empenhados em manter. A antiguidade na ilha, deslocando a referência topográfica em favor do eixo temporal, surge assim como novo dispositivo de segmentação para circunscrever e distinguir os moradores ditos “estranhos” por oposição aos moradores tradicionais, ou seja “gente conhecida”. Nessa perspectiva, prevalece, portanto, o tempo e os vínculos que ancoram e sustentam cada um com a ilha, tornando-se, então, o modo de classificação predominante hoje em dia. E isto com o firme propósito de continuar a dispor de um (novo) critério, capaz de definir quem é e quem não é de Paquetá. A categoria de antigüidade, ou seja, a noção de precedência, clássica na atribuição de identidade (Strathern, 1981; Elias, 2000), portanto vem sendo freqüentemente observada e acionada no sentido de atribuir valor e assegurar a assimetria entre os moradores. Desta forma, a antiguidade da família na ilha, assume sua dimensão de categoria valorizada, fortalecendo o conjunto de moradores e veranistas que se reconhecem na identidade paquetaense, em contraste com os adventícios, estes muitas das vezes indesejáveis nos termos da dimensão moral de relações vigentes.

Embutida nas reminiscências do passado, entretanto, há uma certa tendência de se imaginar os moradores de Paquetá como constituindo um grupo relativamente fechado e de conhecidos, valorizando-se as condições de proximidade fraternal e harmonia quase idílica, onde o reconhecimento generalizado favorecerá sua consolidação comunitária. Esta concepção, contudo, que se encontra basicamente nas idealizações dos “antigos”, não resiste ao menor questionamento sociológico, uma vez que a condição de balneário urbano sempre permitiu a plena visitação da ilha por “forasteiros”, veranistas e visitantes que, junto com os moradores, partilhavam e partilham ainda desse ambiente. É certo que a convivência com veranistas se dá, de certa forma dentro de parâmetros conhecidos, não apenas em relação à freqüência continuada das mesmas pessoas, mas porque essa convivência se concretiza, durante períodos bem precisos, numa sazonalidade rigidamente observada; ou seja, o *bouleversement* tinha hora de começar e de acabar. Atualmente, ao que parece, foi o cotidiano que mudou!

O principal elemento apontado como justificativa de tal mudança é a expressiva migração de famílias nordestinas que se instalaram concretamente no seio de uma ordem social já conhecida. A presença de numerosas famílias com hábitos, costumes e perspectivas com relação a Paquetá tão diferentes das até então verificadas, instaurou uma nova ordem sociológica na ilha, com a introdução de novos elementos nas relações sociais, diversas da natureza conhecida da práxis local. Em Paquetá, o contato direto com os novos moradores, faz ressaltar aos olhos de cada um dos antigos as formas tradicionais de convivência, reforçando-se continuamente a tendência à manutenção dessas relações. Considerando-se a semelhança da situação sociológica analisada por Elias (2000), em seu trabalho no fictício vilarejo inglês de Wiston Parva, reproduzo um parágrafo que ajuda a esclarecer a questão observada em Paquetá.

Assim, as pessoas que pertencem a um círculo de “famílias antigas” são providas de um código comum por seus vínculos afetivos específicos: uma certa união das sensibilidades subjaz a todas as suas diferenças. Nesse aspecto, elas sabem onde se situar em relação umas às outras e o que esperar umas das outras, e o sabem “instintivamente” melhor, como se costuma dizer, do que onde se situar em relação aos outsiders e o que esperar deles. Ademais, numa rede de “velhas famílias”, as pessoas geralmente sabem quem são em termos sociais. Em última instância, é isso que significa o termo “velhas” quando referido às famílias; significa famílias conhecidas em sua localidade e que se conhecem há várias gerações; significa que quem pertence a uma “família antiga” não apenas tem pais, avós e bisavós como todo o mundo, mas que seus pais, avós e bisavós são conhecidos em sua comunidade, em seu meio social, e são geralmente conhecidos como pessoas de bem, que aderem ao código social accito desse meio” (Elias, 2000: 171).

Neste sentido, o que se coloca em questão é uma nova ordem hierárquica envolvendo os moradores de Paquetá; desta feita, classificados em antigo e novos, numa escala de valores que engloba os usos e direitos sobre a ilha. A oposição é nitidamente demarcada, primeiramente porque os nordestinos fixaram residência, ao contrá-

rio dos veranistas que têm épocas e percursos por demais conhecidos. Os paraíbas estão definitivamente em Paquetá, não são visitantes ou hóspedes que, como no caso clássico, intencionam apenas um contato transitório (Schutz, 1974). Além disso, destacam-se do conjunto dos paquetaenses pelo fato de serem portadores de valores bastante distintos dos praticados pelos antigos moradores e freqüentadores. A comparação das diferenças, com a óbvia tendência ao fortalecimento da identidade social local e o desprestígio das novas práticas não é característica de Paquetá, mas aqui ela se potencializa, dada a complicada exigüidade do espaço de convivência.

Alguns dos aspectos que, na maior parte das vezes, marcam pejorativamente a diferença dos paraíbas em relação à população dita original são o tipo de música e de comida apreciadas, as “brigas” consideradas mais freqüentes e violentas, a estatura atarracada, o porte desarmônico, a família numerosa, enfim, tudo aquilo que as teorias do etnocentrismo procuraram identificar diante do encontro problemático com a alteridade. Os recém-chegados, entretanto, movimentam-se em Paquetá dentro de uma ordem social expressiva, tendo reproduzido suas redes de parentesco e amizade do lugar de origem, uma das características clássicas dos movimentos de migração em grupo, expressando na ilha este fenômeno que nos anos 1970 teve grande repercussão, dado o *boom* da construção civil nas grandes regiões metropolitanas do país. A reunião em Paquetá deste grupo bastante coeso permite que se exercitem autonomamente nos seus próprios princípios sociais. São, os nossos excêntricos, mas não ficaram isolados, tendo adotado os equipamentos disponíveis da ilha, como bares, festas, praças, onde se dedicam a tocar e dançar forró e, principalmente, tendo ocupado os “morros”, ou seja, na realidade, três das elevações da ilha, onde construíram suas residências.

Mas os de “fora”, na realidade, têm diferentes origens; e as queixas contra os nordestinos, apenas encobrem as diferentes dimensões capazes de serem acionadas para incluírem ou excluírem alguém do contexto social do bairro. As freqüentes idealizações do passado puderam me fazer ver, por contraste, como aquele sistema social se apresenta na atualidade. De fato, foram estas idealizações que me permitiram alcançar, para além das armadilhas que uma tal forma discursiva abriga, não só um mapa topográfico de situações, mas uma autêntica topologia, sua lógica dos lugares, uma verdadeira “carta do entendimento social de Paquetá”.

Todavia, a contínua interação entre todos, seja nas escolas, no transporte marítimo cotidiano, na capacidade de cooptação de grupos de pares, na freqüentação de igrejas, festas e bailes, tende a favorecer o incremento das relações, ao longo do tempo, a consolidar amizades abrindo assim o sistema e admitindo, pelo namoro e casamento, novos arranjos sociais nas gerações vindouras.

Notas

1. Os argumentos apresentados neste artigo foram desenvolvidos em minha tese de doutorado recentemente defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS/UFRJ e, em colaboração com o Prof. Marco Antônio da Silva Mello, foram discutidos no âmbito da V Reunião de Antropologia do Mercosul, em dezembro de 2003.
2. Tradução minha da tradução francesa.
3. Mauss faz referência aos estudos realizados por Radcliffe-Brown, com quem discutiu a versão preliminar desse artigo.
4. A antiga praia Comprida, em 1978 sofreu uma obra de aterramento e ganhou uma larga faixa de areia, à Copacabana.

Referências bibliográficas

- CARDOSO, Marcelo Augusto Limoeiro. *Paquetá - história das ruas*. Rio de Janeiro: Sagrafa Editora Ltda., 1992, 160 p.
- CERTEAU, Michel de, Luce, Giard & Pierre Mayol. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes 2002 [1994], 372 p.
- COARACY, Vivaldo. *Paquetá - Imagens de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora (Coleção Rio 4 séculos, v. 4). 2ª ed. revista e aumentada, 1965, 266 p.
- COHEN, Anthony. *The symbolic constrution of community*. London and New York: Ellis Horwood Limited and Tavistock Publications, 1985, 128 p.
- ELIAS, Norbert & John L. Scotson. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, 224 p.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Editora Perspectiva. (Estudos, 53). 1978, 276 p.
- FOOT-WHITE, William. *Street Corner Society. La structure sociale d'un quartier italo-américain*. Paris: Editions.La Decouverte (Textes à l'appui. Sociologie), 1996, 399 p. (Tradução francesa do original, em inglês, publicado em 1946).
- GILMORE, David. The social organization of space: class, cognition and residence in a Spanish town. *American Ethnologist*, v. 4, n. 3, pp.437-451, 1977.

- GREGOR, Thomas. *Mehinaku: o drama da vida diária em uma aldeia do Alto Xingu*. São Paulo: Editora Nacional (Coleção Brasileira, v. 373), 1982, 350 p.
- MAUSS, Marcel. Parentesco de Gracejos. São Paulo: Editora Perspectiva (Coleção Estudos Sociologia, 47), 1981 [1926]. Cap.6. *Ensaio de Sociologia*.
- MELLO, Marco Antonio da Silva. *Praia de Zacarias: contribuição à etnografia e história ambiental do litoral fluminense - Maricá/RJ*. São Paulo: FFLCH/USP USP, 1995, 429 p. Tese (Doutorado em Antropologia).
- PEIXOTO, Eduardo Marques. Paquetá. *Renascença - Revista Mensal de Letras, Ciências e Artes*. Rio de Janeiro: Ed. E. Bevilacqua & C. Anno V, n. 48. pp. 43-49, fev. 1908.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. O método comparativo em Antropologia Social. In: MELATTI, Júlio César (ed) *Radcliffe-Brown*. São Paulo: Editora Ática (Grandes Cientistas sociais, 3), 1978 [1952], pp. 43-58.
- SCHUTZ, Alfred. El forastero. Ensayo de psicología social. In: SCHUTZ, Alfred. *Estúdios sobre teoria social*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1974, 277 p.
- SILVA, Luís. Cachoeira do Campo, a Vila das Rivalidades. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais. v. 1, n. 2, pp.132-147, jul. 1957.
- SIMMEL, Georg. *Le Conflit*. Paris: Les Éditions Circé (Circé/Poche, 3), 1998 [1925], 158 p.
- STRATHERN, Marilyn. *Kinship at the core. An anthropology of Elmdon: a village in north-west Essex in the nineteen-sixties*. London; New York: Cambridge University Press. 1981, 301 p.
- VELHO, Gilberto & MACHADO, Luiz Antônio. Organização social do meio urbano. *Anuário Antropológico* 76. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977, pp. 71-82.
- VIEIRA FAZENDA, José. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Tomo 93, v. 147 (1923). 1927a., 615 p.
- VIEIRA FAZENDA, José. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Tomo 95, v. 149 (1924), 1927b, 641p.
- VOGEL, Arno & MELLO, Marco Antônio da Silva. *Quando a rua vira casa - a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Administração Municipal - IBAM (2ª ed.), 1981, 152 p.

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise etnográfica sobre um elemento estrutural tradicionalmente observado na organização dos moradores da Ilha de Paquetá, isto é, o princípio social através do qual se expressam seus conflitos e cuja base está na oposição complementar inscrita na morfologia do lugar, a dualidade entre o Campo e a Ponte. Uma tal dicotomia, de certa maneira clássica nos estudos antropológicos, foi registrada nos termos dos inúmeros aspectos de rivalidade entre os moradores de cada uma das partes da ilha, desde os enfrentamentos formais entre times de futebol e blocos carnavalescos ou, mais modernamente, entre as galeras, até as explicações encontradas para tais conflitos dentro de uma localização precisa, que se refere ao “pessoal do Campo” ou ao “pessoal da Ponte”. Nos conflitos observados pudemos perceber como, cotidianamente, se instauram os mecanismos de afirmação e reconhecimento de elementos comuns e de pertencimento a um único contexto social, de acordo com a perspectiva teórica de George Simmel. Tomada em sua realidade etnográfica, entretanto, a dinâmica dos conflitos e rivalidades observados na ilha de Paquetá vai muito além de uma referência meramente residencial. Em termos de associação entre grupos de pessoas, a oposição por contrariedade consolidou-se, assim, através de uma complexa estratégia de interações e formas de sociabilidade, definindo ao longo de uma série de operações dessa inteligência sociológica as posições sociais e identidades, marcadas pelo reconhecimento de fronteiras e distâncias sociais específicas nos termos do universo de regras da moralidade local.

Palavras-chave

Ilha de Paquetá, rivalidade, insularidade, organização social de bairro.

Resumée

Cet article présente l'analyse ethnographique d'un élément structurel, observé traditionnellement dans l'organisation sociale de ceux qui vivent sur l'Île de Paquetá. C'est à dire, le principe social à travers lequel ils expriment leurs conflits basés, alors, sur l'opposition complémentaire inscrite sur la morphologie du lieu, traduite par la dualité Campo e Ponte. Une telle dicotomie, d'une certaine façon, classique dans de études anthropologiques, est enregistrée dans les termes des innombrables aspects de la rivalité rencontrée entre les habitants de chaque une des parties de

l'île, dès les confronts formels entre des équipes de football et des corses carnavalesques, où, plus dernièrement, entre des groupes de jeunes réunis autour du funk; jusqu'aux explications trouvées pour justifier des tels conflits dedans une localisations bien précise, qui concernent «les gens du Campo» et «les gens de la Ponte». Dans des conflits observés nous avons pû apercevoir comment s'établissent, au niveau cotidien, des mécanismes d'affirmation et reconnaissance des éléments communs et de participation d'un seule contexte sociale, d'après la perspective théorique de Georg Simmel. Prise dans sa réalité ethnographique, cependant, cette dynamique des conflits et des rivalités observés à Paquetá va plus au delà d'une référence uniquement residentielle. Et dans les termes de l'association entre groupes des personnes, l'opposition par contrariété se consolide, alors, através une complexe stratégie d'interactions et des formes espécifiques de sociabilité, qui définent tout au long d'une série de démarches de cette compréhension sociologique, les positions sociales et les identités, marquées par la reconnaissance des frontières et distances sociales espécifiques dans l'univers des règles de la moralité local.

Mots-clés

Ile de Paquetá, rivalité, insularité, organization sociale de quartier.